



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após visita ao terminal de regaseificação de gás natural liquefeito na Baía de Guanabara

Rio de Janeiro-RJ, 18 de março de 2009

Presidente: O que é importante você saberem, é o seguinte: desde que houve o apagão, em 2001 tem, no Brasil, uma cisma e uma preocupação de que a qualquer momento vai ter apagão no Brasil. Esta planta de regaseificação que a Petrobras fez aqui, e a ligação que nós fizemos de linhas de transmissão, no Brasil, me garantem afirmar para vocês que nós não vamos ter mais apagão no Brasil.

É importante vocês saberem que nós fizemos 42% de rede de linhas de transmissão. De tudo que tinha sido feito em 123 anos neste país, nós fizemos até agora 42%. Inclusive puxando o linhão, Sérgio, o maior do mundo, de Porto Velho, do rio Madeira, até Araraquara, que é para a gente poder dar suporte de energia às regiões que, porventura, tiverem problema de seca e faltar energia elétrica.

A segunda coisa que vocês precisam saber é que o gás funciona para nós como uma reserva. Enquanto nós tivermos energia hídrica, nós vamos utilizar energia hídrica. Na medida em que algum lago possa secar e o Brasil venha a ter problema de falta de energia em algum lugar, aí nós acionamos todas as termelétricas que nós temos, para cobrir a ausência de energia hídrica.

E quando a gente inaugura um ponto de regaseificação em Pecém e outro aqui no Rio de Janeiro – e tem outros para que a gente venha a fazer – o que nós estamos dizendo ao povo brasileiro? É que quem quiser fazer investimento pode fazer, porque energia nós vamos ter de sobra neste país.

Teve um tempo atrás, que tinha algumas pessoas ligadas ao apagão de



2001, que viviam todo dia dando matéria para os jornais: “Vai faltar energia elétrica, vai ter apagão, vai ter apagão”. Essas pessoas, ou vão ter que fechar as portas das suas ONGs, ou vão ter que ser mais realistas com relação ao que está acontecendo verdadeiramente no Brasil.

Quando teve o auge da crise com a Bolívia, eu convoquei uma reunião do Conselho Nacional de Política Energética, lá em Brasília, e o Conselho decidiu que a gente ia criar um programa chamado Plangás, ou seja, um Plano Nacional de Gás. Eu posso dizer para vocês que há 15 meses era muito difícil a gente imaginar que hoje pudéssemos estar inaugurando aqui na Baía de Guanabara o que nós inauguramos hoje, porque era tudo muito complicado, a gente não sabia, não tinha navio, era difícil. Só tem três navios desses grandes, que transportam gás no mundo, tem que alugar. A Petrobras vai ter que fazer os dela, porque quando a gente não estiver precisando de gás, vai-se alugar os navios para transportar gás para outros países que precisam de gás.

Então, o fato de nós estarmos inaugurando isto um ano após a nossa decisão, demonstra que o lema da Petrobras vale para o Brasil inteiro: “O desafio é a nossa energia”. Não existe nada que a gente queira fazer, que a gente tome a decisão de fazer, que não seja possível fazer.

O Rio de Janeiro ganha hoje uma planta extraordinária que vai garantir, não ao Rio de Janeiro, vai garantir ao Brasil suprimento de energia, em qualquer que seja o momento. Hoje nós estamos tranquilos porque, quando cair uma rede, nós faremos a transferência imediata de outra rede e, portanto, nós estamos muito mais tranquilos e muito mais serenos em relação à questão de energia.

Estou satisfeito, por quê? Estou satisfeito porque acabo de receber a notícia da Ministra Graça [Maria das Graças Foster, diretora de Gás e Energia da Petrobras], da diretora de gás da Petrobras, de que tem aumentado o consumo de energia elétrica no Brasil. Acabo de receber um informe do ministro Lupi de que o número de empregos foi positivo no mês de fevereiro, ou



seja, tivemos 9 mil empregos a mais no mês de fevereiro. E estou otimista porque continuo acreditando que o Brasil, que foi o último país a sofrer com a crise, será o primeiro a sair da crise, porque nós estamos determinados a fazer com que o País consiga vencer mais esse obstáculo.

Eu quero, inclusive, tomar o lema da Petrobras emprestado, ou seja, o desafio, na verdade, essas coisas que acontecem, que parecem o fim do mundo, elas são importantes porque desafiam o ser humano a ser mais ousado, a ser mais corajoso, a pensar um pouco mais, a agir um pouco mais. Portanto, a crise está fazendo com que a gente trabalhe infinitamente mais, planeje infinitamente mais, construa parcerias com os governos dos estados, com os governos municipais para que, juntos, a gente consiga debelar a crise e o País voltar a crescer no ritmo que a gente vinha crescendo até julho do ano passado.

Dito isto, me coloco à disposição de vossas senhorias para as perguntas.

Jornalista: Presidente, no momento em que o país... em que as empresas estão cortando empregos, no momento em que o Executivo está cortando na própria carne concursos e empregos, no momento até em que Barack Obama está cortando todo tipo de despesa, como é que o senhor vê essa série de escândalos, como o Senado, essa série de mal gastos com o dinheiro público, Presidente?

Presidente: Eu estou chegando agora de viagem. Eu te confesso que, primeiro, duas coisas importantes: as empresas não estão mais demitindo, como demitiram no mês de dezembro. Eu tenho visitado obras, exatamente para provar que muitas obras do PAC estão trabalhando em dois turnos, em algumas eu quero que trabalhem em três turnos. Mesmo se ficar um pouco mais caro, nós temos que arcar com essa despesa porque o que nós



precisamos é gerar emprego para o povo brasileiro.

Segundo, que bom que se tenha descoberto coisas no Senado e que se esteja corrigindo. É isso, para nós, que importa. O Senado está tomando providências para corrigir coisas que estavam erradas, e isso é ótimo. Queria que todo mundo fizesse isso, no Brasil inteiro, que tudo o que estivesse errado fosse corrigido. Quem sabe um dia a gente chegue a ser uma nação perfeita, mas [para] isso vai precisar que os seres humanos sejam perfeitos, e nós temos imperfeições.

Mas eu acho que a crise é muito forte, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos. Na minha conversa com o presidente Obama ficou claro que ela não chegou no fundo do poço ainda, ficou claro que ele tem que tomar atitudes. Qual é o problema principal que nós temos hoje? É a falta de crédito, a falta de crédito interno nos países e a falta de crédito externo. Cabe aos países mais ricos garantir que funcione corretamente bem o fluxo de financiamento para o comércio internacional. E cabe aos países, internamente, garantir credibilidade à sociedade, para que façam investimentos.

Eu não sei se o presidente Obama vai garantir essa credibilidade, se não tomar providências em alguns bancos. Sei que nos Estados Unidos a palavra “estatizar” e a palavra “nacionalizar” são um palavrão, mas nós temos exemplo aqui, do Banco do Brasil, da Caixa Econômica Federal, do BNDES, do BNB e do Basa que, bem administrados, funcionam de forma extraordinária e são garantes para que a gente tenha crédito.

Eu acho que o mundo vai ter que se acertar, porque a balança comercial do mundo vai ter que voltar a funcionar, e para isso é preciso que se normalize a questão do crédito.

Jornalista: Que balanço o senhor faz dessa visita que o senhor fez aos Estados Unidos? Que proposta pretende encaminhar, talvez, para o G-20, depois dessa visita, dessa reunião que o senhor teve?



Presidente: Eu voltei dos Estados Unidos, primeiro, convencido de que eu conversei com o presidente americano, que vai aperfeiçoar as já boas relações que o Brasil tem com os Estados Unidos. Todo mundo sabe que o Brasil teve uma boa relação com o Bush, todo mundo sabe que o Fernando Henrique Cardoso teve uma boa relação com o Clinton, todo mundo sabe que o Brasil sempre teve uma política muito amistosa e amigável com os Estados Unidos.

Eu acho que o Obama vai fazer o diferencial na política americana. Primeiro porque é um jovem. Eu penso que pela juventude dele e pela forma com que ele se elegeu, ele tem tudo para aprimorar a relação dele com o Brasil e a relação dele com a América Latina.

Eu estou muito otimista com a possibilidade de as relações se tornarem mais, eu diria, vigorosas. Nós temos um fluxo de balança comercial de R\$ 54 bilhões. Ela cresceu, no nosso mandato, 20% ao mês, mas é muito pouco para Estados Unidos e Brasil, ou seja, dois países grandes que podem ter uma balança comercial muito maior. O Brasil exporta 28 bilhões, o Brasil importa 26 bilhões, temos um superávit de 2 bilhões, mas é pouco para dois países do tamanho dos Estados Unidos e do Brasil.

Eu fiquei muito otimista com a conversa com o Obama. Vamos nos encontrar outra vez em Trinidad e Tobago, depois vamos nos encontrar em Londres. Está previsto ele fazer uma viagem ao Brasil, e disse que gostaria de vir ao Rio de Janeiro, porque ele vê as praias do Rio pela televisão e ele acha bonitas. Seria muito bom que ele viesse ao Rio de Janeiro tomar um banho de praia e, quem sabe, conhecer um pouco mais o Brasil, porque eu acho que é um desafio a gente fortalecer o Brasil na relação com o mundo e com os Estados Unidos.

Jornalista: A caderneta de poupança, (incompreensível)?



Jornalista: Presidente, o senhor não acha que está na hora de o País baixar os preços da gasolina e do diesel, ou ainda não é o momento?

Presidente: É que, como Presidente da República, não posso nem falar de poupança, nem falar de gasolina, porque essa é uma reunião que nós temos que fazer com a Petrobras, o Ministro tem que conversar com a Petrobras, ver qual é a oportunidade de fazer isso sem causar nenhum problema à Petrobras, sem causar nenhum problema ao superávit, porque vocês sabem que a Petrobras contribui muito com o superávit primário que o governo faz. Então, com muita tranquilidade nós vamos discutir esses assuntos.

E a questão da poupança, nós temos um cuidado, porque nós não podemos permitir que as pessoas que têm seus R\$ 50 mil, seus R\$ 10 mil, seus R\$ 15 mil, seus R\$ 5 mil tenham prejuízo na caderneta de poupança. Nós precisamos criar um instrumento para garantir que os poupadores continuem colocando na sua poupança... Todo esse pessoal que está atrás da câmera, certamente, deve ter alguma reservinha na poupança. Eles não podem comprar dólar, não podem aplicar em euro, mas certamente na poupança cada um deles tem um tiquinho e nós precisamos garantir.

Jornalista: Presidente, o senhor criou, no ano passado, aquele grupo interministerial para decidir o marco regulatório sobre o pré-sal. Até então, a definição teria que ser feita até dezembro e isso não aconteceu. O senhor tem uma perspectiva de quando isso pode acontecer? E se neste ano ainda será possível ter um novo leilão da (incompreensível), ou o governo está aguardando por que motivo?

Presidente: Primeiro, porque é muito delicado e é complexo a gente estabelecer um novo marco regulatório e uma política de petróleo no Brasil. Nós já estamos com o texto pronto. Certamente, dentro de alguns dias o



ministro Lobão levará esse texto para discutir comigo, com o Ministro da Fazenda, com a Ministra-Chefe da Casa Civil. Quando ele estiver pronto, nós queremos, então, debater isso no Congresso Nacional e debater com a sociedade brasileira.

Certamente, na hora em que ele estiver pronto, nós vamos fazer os leilões, porque nós não vamos ficar com essa reserva embaixo da terra, dizendo que o Brasil tem muitas reservas. Nós queremos é explorar. O que eu tenho dito é que nós vamos utilizar esses recursos para tentar vencer dois graves problemas no Brasil: o da educação e o da miséria. E nós não vamos ficar exportando óleo cru, porque nós vamos tentar exportar derivado, ou seja, colocar valor agregado no óleo que a gente extrair do pré-sal.

Já queria até convidar vocês, no dia 1º de maio nada de vocês marcarem viagem, porque nós vamos no dia 1º de maio ao pré-sal, tirar o primeiro barril de petróleo de 6 mil metros de profundidade. Eu quero trazer o primeiro barril, não sei se um barril, mas um pouquinho eu vou trazer aqui, para vocês sentirem o petroleozinho que vai vir de 6 mil metros de profundidade.

No mais, eu queria dizer para vocês que também esta planta só foi feita graças ao governo do estado que, através do seu secretário do Ambiente, o companheiro Carlos Minc, conseguiu, em tempo recorde, aprovar a licença para que a gente pudesse produzir.

No mais, saudações...

Jornalista: Presidente, há motivos para correr com o pré-sal? Porque o refino ainda não é suficiente para que, nos próximos anos, exportemos derivados e não petróleo. Os investimentos ainda não dão conta nem do que está (incompreensível), quanto mais do que não foi. Há motivos para correr, o governo precisa correr?

Presidente: Há motivos para correr, sabe por quê? Porque quando a broca



chegar a 6 mil metros de profundidade, a gente vai trabalhar quase um ano de forma experimental, porque é uma tecnologia totalmente nova, é um mundo desconhecido, e a gente vai ter que ver o que vai acontecer na hora em que a gente começar a explorar. E nesse tempo em que a gente vai estar fazendo experiência, nós vamos estar fazendo prospecção em outras áreas e vamos, quem sabe, também fazer novos experimentos. E, aí, quando estiver pronta a fase de experimentação, nós já estaremos construindo as nossas refinarias, e nós vamos, então...

Jornalista: Mas (incompreensível) o marco regulatório? Já que tem que ser feito tudo isso...

Presidente: Não, necessariamente não precisaria nem fazer marco regulatório. Nós estamos fazendo porque quando nós criamos o marco regulatório o Brasil não era nem auto-suficiente em petróleo. Agora, o Brasil já é auto-suficiente. Agora, além de sermos auto-suficientes, nós vamos ter muito petróleo para exportar.

Então, é importante um novo marco regulatório para que a gente pegue onde tem muito óleo e a gente tenha uma parcela mais significativa para você, para o seu filho, para o meu filho, para o meu neto, e que os brasileiros possam ganhar alguma coisa com esse petróleo.

Jornalista: Presidente, uma coisa...

Presidente: Só mais uma pergunta.

Jornalista: Uma pergunta sindical, Presidente: o senhor já determinou a suspensão do aumento do funcionalismo público, isso já está definido? As categorias que haviam acertado, no ano passado...



Presidente: É que eu não gosto de tomar medidas precipitadas. Se tem uma coisa que não cabe na minha cabeça é ficar com medo do que vai acontecer amanhã. Eu não tenho medo precipitado, eu tenho medo premeditado.

Nós temos um acordo, a minha idéia é cumprir esse acordo. Eu só não cumprirei o acordo se houver anormalidade. Mas como eu só vou ter que decidir no mês de junho, por que eu tenho que ter pressa agora? Com muita paciência, tenho toda a vontade de cumprir o acordo, porque como eu vim do movimento sindical, eu sei o quanto é bom a gente cumprir as palavras, cumprir os acordos que a gente tem e que a gente faz com os funcionários públicos, que a gente faz com os empresários, que a gente faz com os trabalhadores.

Então, a minha idéia é cumprir. Deus queira que volte à normalidade logo, para que a gente não tenha que mexer em nada. Gente, muito obrigado, até a volta.

Jornalista: (incompreensível) Porque o BNDES (incompreensível).

Presidente: Vocês viram que a nossa companheira perguntou por que eu não estimulo a Petrobras, todos...

Jornalista: Não, o BNDES.

Presidente: O BNDES, a todos os investimentos do BNDES gerarem empregos. Então, eu queria dizer o seguinte: tem duas coisas. A primeira coisa é que todo investimento do BNDES, um novo investimento significa novos empregos. Tudo o que ela fizer de investimento junto ao PAC, de investimento junto à Petrobras, de investimento junto às empresas para construir novas plantas, significa novos empregos.



O que nós precisamos é que o capital de giro, que é financiado pelo Banco do Brasil ou pela Caixa Econômica, este sim, é que precisa, ao emprestar dinheiro de capital de giro para a empresa, acordar para que, durante um determinado tempo, não sejam dispensados trabalhadores.

Mas eu não tenho dúvida de que o dinheiro do BNDES é para gerar empregos, porque... vamos pegar o exemplo...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Não, mas vamos pegar o exemplo, aqui... Mas não tem como automatizar a construção de uma fábrica, não tem como. É só você ver o Comperj que está sendo construído aqui no Rio de Janeiro. Ele está gerando o primeiro emprego na terraplanagem, depois ele vai gerar emprego na obra civil. É assim que funciona, não tem esse risco.

Apenas [com] o dinheiro para capital de giro é que nós temos problema. E obviamente que nós temos interesse em garantir o emprego, porque eu tenho na pele o que é o desemprego, eu fiquei um ano e meio desempregado, eu sei o que acontece na vida de um trabalhador.

(\$31DGJLP)